

PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA JOAQUIM PEREIRA LIMA EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS – PB

Danilo de Sousa Cezario¹

Durante os últimos anos o ensino de História, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, tem passado por grandes mudanças. Desde sua vinculação e, posteriormente, desvinculação com a Geografia, o ensino de História vem tomando corpo, tornando-se uma disciplina específica, com características próprias.

Ainda hoje, início da primeira metade do século XXI, encontramos historiadores que pouco se interessam com as particularidades do ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com Oliveira (2005, p. 263-264), “[...] poucos historiadores interessam-se pelo processo de construção do conhecimento histórico em crianças. Muitos sequer acreditam na possibilidade da criança aprender história nas séries iniciais”. Contudo, ao longo do trabalho, discutiremos algumas novas perspectivas desse ensino.

Antes de serem discutidas as particularidades, metodologias e abordagens do ensino de história para os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, faremos um aparato maior e enfocaremos um pouco sobre a trajetória do ensino de História na Educação Brasileira.

O processo educativo brasileiro remota desde a chegada dos padres jesuítas as nossas terras, porém, não se pode negar a existência de uma educação indígena que já vinha sendo propagada há séculos pelos primeiros habitantes das terras do Brasil. Contudo, a disciplina de História no currículo escolar, só veio a ser incorporada na primeira metade do século XIX, período esse marcado pela independência do Brasil com o Decreto das Escolas de Primeiras Letras no ano de 1827. Podemos aqui dizer que este ato foi o início de grandes outros feitos.

Inicialmente, esse ensino de História estava voltado para os ensinamentos das práticas morais e valores humanos, um pouco diferente do que é realmente ensinado

¹ Docente da UAE-UFCG-CFP. E-mail: danilomotos@hotmail.com

durante as aulas de História nas escolas de hoje. Neste sentido, Cruz (2005, p. 2) ressalta que:

Estudar História e Geografia na Educação Infantil e no Ensino Fundamental resulta em uma grande contribuição social. O ensino da História e da Geografia pode dar ao aluno subsídios para que ele compreenda, de forma mais ampla, a realidade na qual está inserido e nela interfira de maneira consciente e propositiva.

Neste sentido, estudar História e/ou Geografia seria ao mesmo tempo praticar uma reflexão de si e do mundo ao seu redor. Despertando desejos jamais sentidos. Seria estudar não somente os grandes feitos e fatos, mas, suas práticas cotidianas vinculado a uma produção da identidade coletiva. Desse modo, os PCNs ressaltam o ensino dessas disciplinas estão ligados e que:

A opção de se introduzir o ensino de História desde os primeiros ciclos do ensino fundamental explicita uma necessidade presente na sociedade brasileira e acompanha o movimento existente em algumas propostas curriculares elaboradas pelos estados. (...) A demanda pela História deve ser entendida como uma questão da sociedade brasileira, ao conquistar a cidadania, assume seu direito de lugar e voz, e busca no conhecimento de sua História o espaço de construção de sua identidade (1997, p. 4-5).

Assim como o percurso histórico do Brasil, inúmeras transformações ocorreram e marcaram o ensino de História nas escolas. Transformações essas que foram influenciadas pelas modificações nas estruturas políticas, sociais e culturais. Porém, durante os anos 20 e 30, o Governo de Getúlio Vargas² passou a dar novos rumos às práticas educacionais brasileiras.

Em meio a esse discurso, devemos levar em consideração que essa exacerbada valorização tinha um grande interesse: o culto aos grandes heróis, dos seus feitos e fatos, principalmente os do presidente em Exercício, Getúlio Vargas. Com esse ensino positivista³ o ensino de História passa a tomar novos rumos com a centralização do sistema escolar.

² Levando em consideração a criação do Ministério da Educação, que passou a privilegiar a memória nacional e o ensino de História do Brasil. Fortificando assim, uma ideia de formação da identidade nacional brasileira.

³ Que vem de uma corrente filosófica de pensamento totalmente tradicionalista. Trabalhava-se com a memorização, a hierarquização do pensamento, sempre o professor seria o detentor de todos os conhecimentos e o aluno uma tabula rasa. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/o_que_e/positivismo.htm. Acesso em: 15 de nov. de 2016.

Os alicerces do ensino de História se fortalecem cada vez mais com a consolidação dos controles autoritários por parte dos governos, até que no período militar, o ensino de Geografia e História são unidos em uma única disciplina: Estudos Sociais. Essa união estava ligada com o intuito de abranger um controle maior sobre os alunos, valorizando cada vez mais os valores morais e a exaltação cívica dos indivíduos.

Claro que, boa parte dos professores não ficaram calados, houve muitos protestos e reivindicações por parte dos mesmos, todavia, nada mudou, os militares continuaram com as mesmas ideias. Foi somente durante a redemocratização brasileira, nos anos 80, que as discussões alimentaram e passaram a repensar um novo currículo para todas as disciplinas. Agora, o foco estava voltado para a autonomia do ensino de História. Lembrando que, essa proposta não envolveu somente os professores, mas, os alunos universitários dos cursos de Licenciatura Plena em História daquela época, como também alunos da educação básica e profissionais da área pedagógica.

Os diálogos que passaram a ser traçados após o ano de 1986 – ano da publicação preliminar da proposta Curricular para o Ensino de História no Primeiro Grau -, estavam voltados para a construção de um novo ensino de História, propondo-se um ensino em que o diálogo e a flexibilidade tanto por parte dos professores, quanto dos alunos, fossem compreendidos pedagogicamente.

Toda essa construção e fortificação de pensamento, buscavam uma oposição radical ao ensino “dito positivista” que era pregado até então. Assim, o ensino de História não estaria pautado somente nos eixos temáticos: História Geral – História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea- e o ensino de História do Brasil – História Colonial, Imperial e Republicana, deveria abordar as temáticas do trabalho e as experiências e vivências dos alunos inseridos nesse processo educacional. Neste contexto,

Considera-se, então, que o ensino de História envolve relações e compromissos com o conhecimento histórico, de caráter científico, com reflexões que se processam no nível pedagógico e com a construção de uma identidade social pelo estudante, relacionada às complexidades inerentes à realidade com que convive (BRASIL, 1997, p.33).

Assim, todos esses debates que serviram de norte para a formulação das novas propostas curriculares pós anos 80 até os dias atuais, basearam-se nos teóricos da Escola

dos Annales⁴ que estudavam as diversas temáticas das Histórias Social, Cultural e do cotidiano.

Práticas inovadoras na Escola Municipal Joaquim Pereira Lima

Mediante as inúmeras dificuldades que os professores encontram para desenvolver seus trabalhos com a disciplina de história, passou-se a observar e discutir sugestões de trabalhos na Escola Joaquim Pereira Lima.

Até então, o ensino de História na referida escola era totalmente monótono e enfadante. Textos copiados nos quadros para que os alunos transcrevessem nos cadernos, memorização de datas e de nomes de Heróis nacionais. Percebemos então, que algo teria que mudar. Assim como na história, somos movidos também pelas transformações cotidianas.

Mediante todos esses pressupostos e com todas essas mudanças na maneira de ver, ensinar e aprender História, ainda faltava algo, um “Q” na história, popularmente falando. Faltava um olhar aguçado para a questão do lúdico, do praticar e do agir. Está aqui o porquê do nosso interesse na construção dessa pesquisa. O foco central para essas mudanças estariam nas escolas, nas metodologias adotadas pelos professores e, é claro, no interesse dos alunos pelas histórias e História como disciplina. Segundo Fonseca (1993, p. 18):

A proposta de metodologia de Ensino de História que valoriza a problematização, a análise crítica da realidade, concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula. Logo, são pessoas, sujeitos históricos, que cotidianamente atuam, transformam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivências: em casa, no trabalho, na escola, ... Essa concepção de ensino e aprendizagem facilita a revisão do conceito de cidadania abstrata, pois ela nem é apenas herdada via nacionalidade, nem liga-se a um único caminho de transformação política. Ao contrário de restringir a condição de cidadão a de mero trabalhador e consumidor, a cidadania possui um caráter humano e construtivo, em condições concretas de existência.

⁴A **Escola dos Annales** foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. O movimento historiográfico foi muito impactante e renovador, colocando em questionamento a historiografia tradicional e apresentando novos e ricos elementos para o conhecimento das sociedades. Apresentava uma História bem mais vasta do que a que era praticada até então, apresentando todos os aspectos possíveis da vida humana ligada à análise das estruturas. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annaes/>>. Acesso em: 16 de nov. 2016.

Sabíamos da necessidade de mudança porém, não sabíamos ao certo por onde começarmos. Então, levando em consideração que o estudo do passado nos remete ao compartilhamento da nossa cultura, aproximando-nos cada vez mais uns dos outros, reconhecendo-nos como agentes construtores e participativos de uma cultura/tradição, porque não iniciarmos nosso trabalho com a construção das identidades sociais locais?

Nessa perspectiva, a escola, o professor e a comunidade devem ser envolvidos em um conjunto, permitindo aos alunos um reconhecimento amplo sobre as tradições culturais a qual fazem parte. Assim, o reconhecimento social de cada aluno enquanto sujeito atuante da História, passa a se desenvolver cada vez mais, tornando o alunado cada vez mais crítico e participativo.

A troca de ideias durante as aulas dialogadas permitiram uma abertura bem maior para as apresentações orais dos alunos localizando-os no tempo e espaço. É papel dos professores estabelecerem as pontes de ligação entre o presente e o passado, desencadeando as interações entre os mesmos, derrubando as barreiras das diferenças entre o velho e o novo, o antigo e o atual. Assim, Terra e Freitas (2004, p. 7) nos relatam que:

Provocam reflexões sobre como o presente mantém relações com outros tempos, inserindo-se em uma extensão temporal, que inclui o passado, o presente e o futuro; ajuda analisar os limites e as possibilidades das ações de pessoas, grupos e classes no sentido de transformar realidades ou consolidá-las; colabora para expor relações entre acontecimentos que ocorrem em diferentes tempos e localidades; auxilia a entender o que há de comum ou de diferente no ponto de vista, nas culturas, nas formas de ver o mundo e nos interesses de grupos, classes ou envolvimento político; enfim, são questões mais comprometidas em formar pessoas para analisar, enfrentar e agir no mundo.

Inúmeras das histórias que são contadas nas escolas para as crianças perpassam por um mundo de imaginação e fantasia, desencadeando no imaginário destes, lugares totalmente distantes e maravilhosos. Essa imaginação faz com que essas crianças viagem no tempo e conheçam outras dimensões diferentes da sua realidade local. Neste sentido, durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, as histórias do “era uma vez” despertam nos educandos o interesse na leitura, causando uma curiosidade totalmente autônoma e sadia.

Passamos a perceber que a leitura de mundo de cada aluno pode e deve ser estimulada em sala de aula através de imagens, mímicas, contações de histórias, dentre outros. Nesse sentido, Paulo Freire (2001, p.11) nos relate que

[...] a leitura de mundo precede a leitura das palavras, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se predem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada pela leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

A realidade local da Escola do Cacaré não é tão diferente da realidade de outras escolas da Zona Rural de São José de Piranhas, porém, o imaginário que se formulava ao redor da escola com as inúmeras histórias de parteiras, cangaceiros, de pegas-de-boi, dentre outras, poderia ser trabalhado de maneira conceitual, passando de uma leitura de mundo para um conhecimento escolar dinâmico. Assim, os alunos além de interpretar esses imaginários, seriam capazes de agir. Nesse meio, segundo Caniato (1997), a escola seria/deveria ser o espaço dinâmico e democrático para a construção do saber. E prossegue:

A escola deve e pode ser o lugar onde, de maneira mais sistemática e orientada, aprendemos a Ler o Mundo e a interagir com ele. Ler o mundo significa aqui poder entender e interpretar o funcionamento da Natureza e as interações dos homens com ela e dos homens entre si. Na escola podemos exercitar, aferir e refletir sobre a Ação que praticamos e que é feita sobre nós. Isso não significa que só na escola se faça isso. Ela deve ser o lugar em que praticamos a Leitura do Mundo e a Interação com ele de maneira orientada, crítica e sistemática (1997. p, 65).

Além de interpretá-los, os alunos, no percurso escolar, devem entender que essas representações sociais podem, também, ser transformadas ao longo da história. O grande desafio dos professores estaria aqui: encontrar maneiras claras para apresentar esses conceitos aos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Para Fazenda (1999, p. 31):

[...] o professor interdisciplinar traz em si um gosto especial por conhecer e pesquisar possuiu um grau de comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousa novas técnicas e procedimentos de ensino, porém, antes, analisa-os e dosa-os convenientemente. Esse professor é alguém que está sempre envolvido com seu trabalho, em cada um de seus atos. Competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário desse profissional

que luta por uma educação melhor. Entretanto, defrontase com sérios obstáculos de ordem institucional no seu cotidiano. Apesar do seu empenho pessoal e do sucesso junto aos alunos, trabalha muito, e seu trabalho acaba por incomodar os que têm a acomodação por propósito.

Sobre isso, o historiador Holien Goncalves Bezerra reflete que: “Importa tentar perceber quais são os conceitos imprescindíveis para que os alunos saídos da escola básica tenham uma formação histórica que os auxiliem em sua vivencia como cidadão (apud KARNAL, 2003, p. 41)”. Leva-nos a deduzir que é na permanência participativa nas escolas que os alunos aprendem a perceber e participar do conhecimento histórico.

Mediante o que já discutimos, percebemos que o ensino de História é essencial para a construção da identidade de cada indivíduo, possibilita o entendimento do homem com o seu meio e os acontecimentos ocorridos ao seu redor. Nesse ponto de vista, Terra e Freitas (2004, p. 8) discute que o ensino de História contribui bastante para a formação do cidadão, pois,

Inclui a percepção pelo aluno de sua sociedade, considerando que tem sido construída a partir de relações entre indivíduos, grupos, classes sociais, interesses econômicos, costumes e mentalidades, os estudos históricos podem contribuir, por exemplo, para que ele compreenda sua sociedade como uma construção coletiva.

É indispensável que desde os anos iniciais da escola, os alunos possam ter contato com o ensino de História, e que os mesmos possam entender as relações e diversidades existentes entre os inúmeros grupos humanos que vivem em países diferentes com culturas diferentes.

Os inúmeros livros de historinhas – fictícias ou não- devem ser trabalhados durante esses anos iniciais como uma forma de despertar o interesse pela pesquisa e leitura, dinamizando o diálogo, até mesmo, com outras disciplinas. Torna-se aqui fundamental o papel do professor, para desencadear nas crianças o interesse pela disciplina de História, não como algo meramente decorativo, mas, acima de tudo, como algo construtivo, dinâmico e lúdico.

O professor, em suas aulas, deve mostrar para os alunos que eles são sujeitos agentes das suas histórias, fazendo com que os mesmos sejam narradores das suas histórias e das histórias trabalhadas em sala de aula. Assim, “a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de

identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.” (FONSECA, 2005, p, 89).

Assim, a construção dinâmica dessa história de si, poderia estar presente nas respostas de algumas simples perguntas do tipo: Em que Cidade/Estado nasceram seus pais? Como era o passado dos seus pais, tios e avós? Como eles brincavam antigamente?

Neste sentido, as inúmeras histórias contadas, recontadas, escritas e reescritas, floresceriam com mais entusiasmo nas aulas com a interpretação lúdica de cada aluno.

É difícil explicar para os alunos qual o papel do historiador e o que é a história de fato, mas, podemos mostrar para eles que cada um de nós possuiu uma história e que sabemos a melhor maneira de contá-la. Então, um acontecimento – seja um passeio, uma viagem ou uma festinha – será contada de maneiras diferentes pelas pessoas que ali estejam presentes. É fazer com que eles compreendam que cada ser humano tem uma maneira diferente de olhar e interpretar os acontecimentos do passado.

Finalizando

O professor polivalente dos anos iniciais do Ensino Fundamental enfrenta cotidianamente em seu trabalho inúmeros desafios que perpassam por dimensões grandiosas para além do processo de ensino-aprendizagem. A identificação clara dos inúmeros objetivos os quais o professor terá que alcançar em cada disciplina é bastante difícil.

Além dessas dificuldades, o professor ainda tem que saber lidar com os diversos tipos de alunos, logo toda sala tem sua formação heterogênea mantendo condições de aprendizagem totalmente diferentes entre os alunos. Para que esse trabalho seja totalmente realizado de maneira clara e objetiva, o professor polivalente deve realizar seus planejamentos focados sempre na melhor qualidade e aprendizado dos alunos.

Quando passamos a traçar objetivos bem definidos para uma aula, outras estratégias passam a fluir. Neste sentido, as aulas de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental, devem ser realizadas levando em consideração todos os aspectos das vivências dos alunos, dos seus modos de vida e de como estes veem o universo ao seu redor.

Destarte, o ensino de História deve proporcionar o reconhecimento de si e do mundo ao seu redor. Alargando ainda mais as possibilidades de diálogos com as

representações de mundo e de épocas diferentes. É de grande importância que os professores despertem o resgate da memória, visando favorecer a formação intelectual, social e política de cada cidadão.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia. Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola Secundária. In: BITTENCOURT, Circe (Org). *O Saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2001.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. **O ensino de história em questão**. São Paulo: Ática, 2003.
- BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia*. Secretaria de Educação Fundamental. –Brasília: MEC, 1997.
- CABRINI, C. (org.). **O ensino de História: revisão urgente**. 5ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- CANIATO, Rodolpho. **Com Ciência na Educação**. 3ª reimpressão. Campinas: Papyrus, 1997.
- CARBONARI, M. R. Que fazemos com a história? In DAVIES, Nicholas (org.). **Para além dos conteúdos de História**. Niterói, EdUFF, 2000.
- CRUZ, G. T. D. **Fundamentos teóricos das ciências humanas: história**. Curitiba: IESDE, 2005.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. 1993.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 45. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papyrus, 1993.
- _____. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. 7 ed. São Paulo: Papyrus, 2003.
- GABRIEL, Carmen Teresa. A identidade (nacional) na berlinda: uma forma possível de entrar no debate em torno da educação intercultural. In CANDAU, V. M. **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- GONTIJO, Rebeca. Identidade nacional e história: a diversidade como “patrimônio sócio-cultural”. In ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- GRUZINSKI, S. Acontecimento, bifurcação e acaso... Observações sobre a história a partir das periferias do Ocidente. In MORIN, Edgar (org.). **Jornadas temáticas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. São Paulo, Marins Fontes, 2000.
- _____. **Agir comunicativo e razão destrancendentalizada**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2003.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- PIMENTA, S. G. (org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2002.

- OLIVEIRA, S. R. F. de. **O ensino de história nas séries iniciais**: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. *História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História / UEL*. vol. 9. Londrina: UEL, out. 2003. p. 259 – 272.
- POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- _____. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RICOEUR. Paul. O passado tinha um futuro. In MORIN, Edgar (org.). **Jornadas temáticas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- RUSSO, Hwnry. A memória não é mais o que era. In AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenação). **Usos e abusos da história oral**. 4º ed. Rio de Janeiro, FGV, 20001.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Sobre a autonomia das novas identidades coletivas**: alguns problemas teóricos. *Ver. Brás. Ci., Out.* 1998, vol. 13, nº 38. ISSN 0102-6909.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão**: perspectiva históricocultural. *Educ. Soc.*, Jul. 2000, vol 21, nº 71, p. 166-193. ISSN-7330.
- TERRA, Antonia; FREITAS, Denise. **Referencial Curricular de História da Fundação Bradesco**. Págs. 2-12. São Paulo. Dez/2004.